



Homicídios (ou extermínio?) de crianças e adolescentes: uma análise das reportagens veiculadas na mídia escrita em Fortaleza (CE).¹

Alina Albuquerque LUNA²
Geisy Lanne Muniz LUNA³
Luiza Jane Eyre de Souza Vieira⁴
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE.

RESUMO

Objetivou-se caracterizar as reportagens publicadas nos jornais Diário do Nordeste e O POVO em Fortaleza (CE) acerca de homicídios em crianças e adolescentes. Estudo exploratório-descrito, quantitativo realizado em 2008, cuja coleta de dados foi através dos sites dos jornais e analisados com um instrumento padronizado, testado previamente. Percebeu-se que a maioria dos óbitos ocorreu entre adolescentes (61,3%) e o principal meio utilizado para execução das vítimas foi com arma de fogo (53%). Em 78,9% das reportagens a vítima foi exposta. 98,3% não informam meios de denúncia de casos de violência. Conclui-se que vêm ocorrendo um verdadeiro extermínio de crianças e adolescentes, onde a mídia favorece a banalização dos fatos, através de suas reportagens que não há meios de divulgação de como proceder em caso de denúncias, nem como prevenir casos de violência.

PALAVRAS-CHAVE: Homicídio; Criança e adolescente; Mídia impressa.

INTRODUÇÃO

A violência é conhecida hoje como uma questão global, que afeta os diversos segmentos das sociedades e traz conseqüências graves para a saúde das populações. Alguns estudos afirmam que a violência apresenta-se como um fenômeno cujas facetas são objeto de apreensão no cotidiano, pelo desencadeamento de temor generalizado aos assaltos, seqüestros e assassinatos. Relata ainda, que passa a ser objeto de reflexão por várias áreas do saber, entre elas a Saúde Pública, pelo papel que assume diante da morbimortalidade, vitimando crianças, jovens, adultos e idosos indiscriminadamente (MINAYO, 1994; GONÇALVES; FERREIRA, 2002; DESLANDES, 1999).

A violência urbana configura-se como um dos principais problemas sociais da atualidade. No Brasil, em especial nos grandes centros, a violência pode ser identificada como a maior preocupação apontada pela sociedade e vem sendo alvo de inúmeros

¹ Trabalho apresentado na Sessão Mediações e interfaces comunicacionais, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Aluna do 7º semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Bolsista PIBIC/CNPq. e-mail: alina_albuquerque@yahoo.com.br.

³ Co-orientadora da pesquisa. Professora do Curso de Enfermagem da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). e-mail: geisylanne@hotmail.com.

⁴ Orientadora da pesquisa. Professora Titular do curso de graduação em enfermagem e mestrado em saúde coletiva da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). e-mail: janeeyre@unifor.br.



debates no âmbito público e privado. É um tema que abarca fenômenos das esferas sociais, política e econômica, repercutindo diretamente na qualidade de vida da população.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define como violência o uso intencional da força física, do poder, materializado ou sob forma de ameaça contra si próprio, contra outrem, quer seja grupo ou comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (OMS, 1996).

Definir corretamente violência contra criança e adolescente tem sido um desafio para os profissionais que trabalham nessa área e para a própria sociedade, que não determina limites entre educação e punição. Trata-se de um fenômeno bastante complexo, com uma associação de fatores individuais e sociais. A combinação de todos esses fatores leva a um comportamento parental abusivo, causando dano ao processo de crescimento e desenvolvimento e bem-estar normais da criança. Geralmente, a violência é repetitiva, e sua gravidade tende a aumentar a cada investida, levando muitas vezes à violência fatal (morte) (AZEVEDO; GUERRA, 2001).

As agressões contra criança e adolescente que levam à morte são cada vez mais comuns e essa prática vem sendo cada vez mais banalizada tendo a mídia um papel importante nessa naturalização dos fatos. As reportagens veiculadas tanto na mídia impressa como na mídia televisiva tratam diariamente de casos de crianças e adolescentes mortos por motivos banais relacionado à violência, onde nem sempre há o cuidado de preservar a vítima.

Por se tratar de um fenômeno complexo, os homicídios têm gerado propostas de intervenções, quase sempre, parciais e que refletem a visão setorial do seu formulador. Qualquer tentativa de apresentação de um modelo explicativo neste espaço seria generalista e simplista (DRUMOND JUNIOR, 1999). Por esta razão, citaremos apenas alguns dos determinantes que têm sido levantados como exemplos das dificuldades da sua abordagem: as condições econômicas geradoras das desigualdades sociais, do desemprego e da miséria têm relação íntima com a violência, assim como as condições sociais de vida cotidiana da população e a ausência de políticas públicas. Considera-se ainda o crescimento da posse de armas de fogo, o consumo de drogas ilegais ou não, como o álcool, a falta de opções de lazer e o crescimento absoluto e relativo das populações jovens, assim como o tráfico de drogas com as disputas por pontos de venda, as cobranças de dívidas e outras organizações que favorecem essa prática. A



ausência e morosidade da justiça, o esgotamento e baixa eficácia do sistema prisional, a pouca utilização de penas alternativas, o policiamento ineficaz, sucateado, desvalorizado e corrupto, além de aspectos éticos como a valorização do individualismo e a banalização da vida, e os comportamentos agressivos e cruéis. Estes determinantes, entre outros, se relacionam de formas diferenciadas em situações diversas, de maneira que, mesmo que um modelo abarcasse toda esta complexidade, ele não poderia ser generalizado.

Os homicídios em crianças e adolescentes inscrevem-se em uma problemática abrangente, que diz respeito ao crescimento da violência e sua expressão em diversos contextos e sociedades. Violência que se manifesta de várias maneiras, das formas mais explícitas, tais como os acidentes, homicídios e suicídios, até os modos mais subjetivos, como a discriminação, a exclusão social e, inclusive, a violência psíquica (RANNA, 1998). Muitas vezes, os homicídios são conseqüências dessas formas menos visíveis de violência, resultantes das transformações estruturais e das relações sociais, econômicas e culturais que ocorrem nas cidades, principalmente nos grandes centros urbanos. A sociedade vitimada pela tensão social e pela violência também é responsável por reproduzi-la. Essas transformações sociais têm influenciado o perfil epidemiológico brasileiro que vem sofrendo, nas últimas décadas, mudanças significativas em sua morbimortalidade.

Diante dessa realidade, pesquisar como a mídia impressa trata os casos de homicídios inaugura um contexto de reflexões acerca de como os profissionais que trabalham com comunicação em massa devem ser qualificados para esse setor e que a sociedade deve ser alertada para o “extermínio” que vem se configurando no decorrer dos anos em prol de mudar essa realidade.

Tivemos como objetivo caracterizar as reportagens publicadas no Jornal Diário do Nordeste e O POVO acerca de homicídios em crianças e adolescentes.

METODOLOGIA

Tipo de Estudo / Abordagem - Trata-se de um estudo exploratório-descritivo. Lakatos e Marconi (1999), explicam que os estudos exploratórios têm por objetivo descrever completamente determinado fenômeno. Gil (1999) afirma que a pesquisa descritiva tem como objetivo primordial a descrição das características mais



significantes, utilizando técnicas padronizadas de coleta de dados. O presente estudo utilizará dados e análises que contemplem uma abordagem quantitativa.

Local do Estudo - O local da pesquisa nas sites do Jornal Diário do Nordeste e Jornal O POVO. Esses são os dois principais jornais de circulação diária no município de Fortaleza, tendo uma excelente aceitação pela sociedade cearense.

População / Amostra - Por se tratar de jornais de veiculação diária, no ano de 2007 foram expedidos 730 jornais (Diário do Nordeste e O POVO), sendo a amostra composta de reportagens que vinculam o tema violência contra criança e adolescente em qualquer segmento do jornal, nesse sentido foram catalogadas 314 reportagens, entre campanhas de prevenção a violência, entrevistas e relatos de casos (pedofilia, agressão física, exploração sexual, etc.). Para efeito desse estudo foram analisadas 119 reportagens que se referem aos homicídios em crianças e adolescentes.

Período da Pesquisa / Coleta de dados - A pesquisa foi realizada entre os meses de fevereiro a maio de 2008. Segundo Lakatos e Marconi (1999), a coleta de dados é uma tarefa cansativa e toma quase sempre mais tempo do que se espera. Exigem do pesquisador paciência e muito esforço, além do necessário cuidado com o registro dos dados e um bom preparo anterior. Gil (1999) preconiza que uma pesquisa, como qualquer atividade humana, implica tempo e, para se desenvolver em várias etapas é necessário fazer a previsão do tempo necessário para se passar de uma fase para outra e realizar a pesquisa sem correr o risco de perder o controle.

Métodos e procedimentos - A pesquisa foi realizada nos sites dos jornais, tendo em vista a facilidade do acesso, pois em ambos existe um link de edições anteriores. Utilizamos como palavras-chave para a busca das reportagens os termos “violência e maus tratos contra crianças e adolescentes” e o ano “2007”, assim obtivemos todas as matérias relacionadas ao assunto independente do caderno de publicação.

Análise e discussão dos dados – Para analisar das reportagens catalogadas foi utilizado um instrumento de análise onde se identificou as seguintes variáveis: jornal de veiculação, mês da publicação, a reportagem possui chamada na capa principal, se a vítima é criança ou adolescente, se o agressor tem parentesco com a vítima, quem é o agressor, se o agressor foi punido, se a vítima foi exposta na reportagem e se há informações sobre serviços de denúncia de violência contra criança e adolescente. Os dados foram expostos através de uma tabela para melhor visualização e compreensão e discutidos à luz da literatura. Para Santos e Clos (1998) a discussão dos resultados é parte fundamental do relatório de pesquisa, referente à análise dos dados obtidos,



consistindo na culminação dos esforços do pesquisador para alcance das metas previstas. Nela o cientista realiza o último esforço metodológico formal de prova e resistência de constatações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percebe-se que os homicídios vêm se configurando como um problema social, tendo em vista os números elevados de casos veiculados, tanto na mídia impressa como na mídia televisiva. O crescimento da violência urbana e as taxas de mortalidade por homicídios, têm incidido preferencialmente sobre crianças e adolescentes, apresentando impacto negativo sobre a esperança de vida.

Os dados da tabela 1 mostram que de 119 reportagens analisadas sobre o tema, em 97,4% diz respeito a relato de casos e que 61,3% aconteceu com adolescentes.

Estudo realizado em São Paulo afirma que o crescimento das taxas de homicídios na cidade, observado desde meados da década de 80, atinge com maior intensidade os adolescentes e adultos jovens, principalmente do sexo masculino. (SANTOS, 1996).

A mãe é tida como agressora em 8,4% das reportagens e a polícia, que tem o papel de proteger o cidadão foi reconhecido como mentor do homicídio em 13,4% dos casos. A arma de fogo (53%) foi a mais utilizada para a execução desses jovens, seguido da agressão física (24,3%) e arma branca (10%). Em 69% dos casos o agressor não foi punido. (Tabela 1).

Discursos em jornais e revistas do final do século XIX lançavam a culpa do abandono e desproteção da criança às famílias. Na primeira metade do século XX, os juristas apontavam, como causa do abandono, as condições econômicas da população e a desagregação familiar. Tal concepção ganha espaço no meio jurídico, começando-se a entender que caberia ao Estado da Criança e Adolescente implantar uma política de proteção e assistência à criança (LONDOÑO, 1991).

Em pesquisa realizada pelo UNICEF (2002) foi identificado que 6% dos adolescentes são agredidos pelos pais com objetos e 18%, com gritos e xingamentos (UNICEF, 2002). Estudos anteriores retratam que 80% das agressões físicas às crianças e adolescentes são perpetradas por parentes ou conhecidos; em escolares, cerca de 33% relataram sofrer atos violentos dos pais em seus domicílios (AVANCI, 2004).



Segundo Azevedo e Guerra (2000), as estatísticas internacionais apontam que 70% das agressões são provenientes dos pais biológicos. O cônjuge que agride mais os filhos é a mãe. Já o pai, por conta de ter maior força física, é o que causa lesões mais graves nos filhos quando os pune corporalmente.

Segundo Motta (2002) esse fenômeno tem natureza repetitiva e sem uma intervenção que trate o agressor, a possibilidade de continuidade de maus-tratos e até de morte da vítima é de 25 a 50%. Azevedo e Guerra (2000) falam que autores, em trabalhos mais recentes, estimam a reincidência desses casos em 50 a 60% quando não são instauradas as medidas de proteção necessárias.

Braz e Cardoso (2000) afirmam que apenas 10% dos agressores físicos manifestam quadros psiquiátricos graves. Ou seja, 90% dos vitimizadores praticam violência física acreditando estarem agindo corretamente. Azevedo e Guerra (1992) complementam relatando que a faixa etária dos 07 aos 13 anos é a mais atingida pela violência física, sendo que a idade média para vítimas do sexo feminino é de 10 anos e do sexo masculino 8 anos.

No presente estudo observou-se que os jornais não têm tido cuidado de preservar a vítima, mesmo se tratando de crianças e adolescentes, sendo a vítima exposta em 79% das reportagens, através de foto da vítima (4,2%), nome da vítima (74%), nome da mãe (12,6%), nome do pai (5%), foto da mãe (4,2%), foto do pai (4,2%), endereço da vítima (21%) e escola da vítima (3,3%). (Tabela 1).

Observa-se que os jornais não vêm divulgando meios de denúncia de casos de violência (98,3%), conseqüentemente não demonstra cuidado na prevenção de novos casos. Quando citado alguns meio, foi através de telefone: Disque-denúncia e delegacias especializadas.

Para Sucupira (2003), a prevenção dos agravos (incluindo-se a violência), está inserida na promoção da saúde já que a prevenção depende de ações conjuntas entre comunidade e o estado com o objetivo de criar condições favoráveis aos indivíduos para melhorar a qualidade de vida e ter como produto final à saúde, nesse contexto, os jornais de grande circulação tem papel fundamental na informação do caso, mas, principalmente, na divulgação de meios de prevenção.

Tabela 1: Caracterização das reportagens veiculadas aos Jornais O POVO e Diário do Nordeste, Fortaleza, Junho, 2008.

	Jornal Diário do Nordeste	Jornal O POVO
--	---------------------------	---------------



Variáveis	(N = 50)		(N = 69)	
	N	%	N	%
Destaque na capa				
Sim	09	18,0	20	29,0
Não	41	82,0	49	71,0
Caráter da reportagem				
Denúncia	01	2,0	02	2,9
Relato de um fato	49	98,0	67	97,1
Vítima				
Criança	16	23,0	30	43,5
Adolescentes	34	68,0	39	56,5
Agressor				
Mãe	06	12,0	04	5,8
Pai e mãe	02	4,0	01	1,4
Padrasto	02	4,0	03	4,3
Parente próximo (avó, primo, tios, cunhado)	02	4,0	05	7,2
Namorado	06	12,0	01	1,4
Vizinho	01	2,0	02	2,9
Polícia	05	10,0	11	16,0
Desconhecido	26	52,0	41	61,0
Meios utilizados				
Arma de fogo	24	48,0	39	56,5
Arma branca	06	12,0	06	8,7
Agressão física	12	24,0	17	24,7
Violência sexual	03	6,0	03	4,3
Outros	02	4,0	02	2,9
Não especificado	03	6,0	02	2,9
Agressor punido				
Sim	15	30,0	22	31,9
Não	35	70,0	47	68,1
Vítima exposta				
Sim	43	86,0	51	73,9
Não	07	14,0	18	26,1
Como?				
Foto da vítima	05	10,0	-	-
Nome da vítima	40	80,0	48	69,5
Nome da mãe	07	14,0	08	11,5
Nome do pai	01	2,0	05	7,2
Foto da mãe	05	10,0	-	-
Foto do Pai	04	8,0	01	1,4
Endereço da vítima	14	28,0	11	15,9
Escola da Vítima	03	6,0	01	1,4
Divulgação de meios de denúncia				
Sim	01	2,0	01	1,4
Não	49	98,0	68	98,6
Como?				
Disque-denúncia	01	2,0	-	-
Telefones delegacias	-	-	01	1,4

CONCLUSÃO

A violência urbana é um dos principais problemas sociais no Brasil. Sua prevenção exige ações intersetoriais e multiprofissionais, com a participação articulada do Estado e da sociedade civil. Através de uma prática responsável os profissionais da



comunicação são capazes de atuar na prevenção de casos de violência, ajudando-as a estabelecer relações inter-pessoais.

No Brasil, em especial nos grandes centros, a violência pode ser identificada como a maior preocupação apontada pela sociedade e vem sendo alvo de inúmeros debates no âmbito público e privado. É um tema que abarca fenômenos das esferas sociais, política e econômica, repercutindo diretamente na qualidade de vida da população.

As diversas formas de violência que acontecem no meio urbano têm como ponto em comum a estrutura das grandes cidades, que promove por si só um distanciamento da natureza. A massa de construções faz perder a simples perspectiva do horizonte, da natureza, inclusive da natureza humana. A isso se podem adicionar as formas de viver em geral, cada vez mais empilhadas e apertadas. A aglomeração populacional é inversamente proporcional à possibilidade de contatos afetivos mais profundos. O anonimato e a sensação de "não pertencer" são duas condições constantes nas cidades grandes. O tempo é escasso tanto para os outros como para si mesmo. Há pressa e uma sensação de falta de lugar e de oportunidades para todos, imperando a competição e o imediatismo. Prevaecem angústias e vazios, os quais se busca preencher e apaziguar através de estímulos sonoros e visuais e através de um consumo desenfreado e inconseqüente. Há um ruído enorme, ambiental e nas comunicações de modo geral. É difícil escutar e escutar-se. Todos esses fatores contribuem para estados emocionais e comportamentais que são meios propícios à produção de várias formas de violência.

As crianças e os adolescentes são identificados como grupos etários de maior vulnerabilidade aos desfechos relacionados à violência urbana. É importante que os profissionais que lidam com o tema possam reconhecer o contexto em que vivem e trabalham e o seu papel no enfrentamento dos vários aspectos relacionados à violência nas cidades. A partir dessa visão mais ampla, têm a possibilidade de trabalhar a questão da prevenção, contribuindo para mudança no perfil de homicídios no país.

Sabe-se que o trabalho na área da violência contra a criança e o adolescente requer intervenção interdisciplinar, e que a ação torna-se mais eficaz quando promovida por um conjunto de instituições atuando de modo coordenado.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, M.A.; GUERRA, V.N.A. (orgs.). *Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.



- AZEVEDO, M.A.; GUERRA, V.N.A.. *Mania de bater*. São Paulo: Iglu, 2001.
- AVANCI, R.C. *O adolescente que tenta suicídio: estudo epidemiológico em uma unidade de emergência [dissertação de mestrado]*. Ribeirão Preto: Universidade de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, 2004.
- BRAZ, M.; CARDOSO, M.H.C.A.. Em contato com a violência: os profissionais de saúde e seus pacientes vítimas de maus-tratos. *Rev Latino Am Enfermagem*, v.8, n.1, p. 91-97, 2000.
- DESLANDES, S.F.. O atendimento às vítimas de violência na emergência: ‘prevenção numa hora dessas?’ *Rev. Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 4, n.1, p. 81-94, 1999.
- DRUMOND JUNIOR, M. Homicídios e desigualdades sociais na cidade de São Paulo: uma visão epidemiológica. *Saúde soc.*, São Paulo, v. 8, n. 1, 1999.
- GIL, A.C. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GONÇALVES, H.S.; FERREIRA, A.L... A notificação da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes por profissionais de saúde. *Cad. Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v.18, n.1, p.315-319, 2002.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M.A. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- LONDONÕ, F.T.. A origem do conceito menor. In: DEL PRIORE M. (org.). *História da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1991.
- MINAYO, M.C.S.. Violência Social sob a perspectiva da saúde pública. *Cad. Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v.10 (supl. 1), p. 7-18, 1994.
- MOTTA, M.E., et al., Conselho Tutelar e produção da subjetividade. In: *Anais do Congresso Brasileiro de Psicologia*. São Paulo: Conselho Federal de Psicologia, setembro de 2002.
- OMS. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Global consultation on violence and health: a public health priority*. Gênova: WHO, 1996.
- RANNA, W. Violência do corpo, violência na mente. In: LEVISKI, D.L. (org.) *Adolescência pelos caminhos da violência: a psicanálise na prática social*. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 1998.
- SANTOS, I; CLOS, A.C. Pesquisa Quantitativa. In: GAULTHER, J.A.M. et al. *Pesquisa em Enfermagem: Novas metodologias Aplicadas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.
- SANTOS, M. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec; 1996.



TRENTINI, M.; PAIM, L. Pesquisa em enfermagem, uma modalidade convergente-assistencial. Florianópolis, 1999.

UNICEF, Fundo das Nações Unidas para a infância. *A situação das crianças e adolescentes brasileiros*. Disponível em: <<http://www.unicef.org.br/>>. Acesso abr. 2007.